

ENTREVISTA COM BIA BEDRAN – REVISTA FESTEJAR KIDS RIO

A ARTE DE CANTAR E CONTAR HISTÓRIAS



“Era uma vez, era uma outra vez, era sempre uma vez”.

“O encantamento pelas histórias contadas e cantadas ainda acontece, mesmo nesse mundo tão agitado”.

TEXTO DE ABERTURA

Envolvida com as atividades finais para a defesa de sua dissertação de mestrado na UFF, Beatriz Martini Bedran, a Bia Bedran conseguiu reservar um tempinho para bater um papo com o Festejar Kids Rio sobre a importância de se contar histórias. A niteroiense, que possui uma carreira artística extensa e diversificada, tem formação em musicoterapia e educação artística com ênfase em música e é também compositora, cantora, atriz, apresentadora de programa de TV, escritora e educadora musical.

Ao longo de sua carreira, Bia Bedran – que coleciona prêmios por atuação no teatro e na música – conta, canta e encanta muitas crianças, jovens e adultos com seu trabalho que mescla, na dosagem certa, a arte de contar histórias com a linguagem musical. “Ouvir e contar histórias é fazer um bem. Escrivê-las e lê-las também”, afirma Bia Bedran, numa conversa agradável e cheia de dicas importantes para quem deseja conhecer mais sobre a arte de contar histórias infantis.

ENTREVISTA

Qual a importância da contação de histórias na formação das crianças?

Sou contadora de histórias e descobri isso contando. Comecei a contar histórias na década de 70, dentro de um contexto de teatro, de teatro infantil. Fundamos um grupo de teatro em Niterói, chamado Teatro Quintal. Éramos 23 elementos de uma mesma família. Éramos muito jovens, tínhamos nossos pais e até nossos avós na equipe. Nesta época, mesmo sem ter pesquisado teoricamente sobre o assunto, descobri a diferença entre o teatro e a contação de histórias. Havia uma peça em que eu interpretava uma moça e, em seguida, era também a narradora. Na hora que eu começava a contar, notava que o olhar das crianças mudava. O contador consegue olhar nos olhos da plateia e o ator não.

Então, a primeira importância da contação de histórias na formação é essa coisa direta, pois a narrativa é dirigida aos olhares e ao coração, ela é frontal. O contador entrega, oferece um texto, uma idéia, uma imagem poética, seja o que for, e as crianças recebem como se fosse uma bola. A criança recebe a mensagem e te devolve com reflexões, expressões.

Outro ponto importante é que você a entrega algo que irá fazê-la pensar. Enquanto ela ouve a narrativa, o cinema mental dela está funcionando. Ela escuta, interage e imagina. Faz parte da formação básica das pessoas. O homem se reconhece como homem porque ele sonha e imagina.

E qual a importância do contador e cantador de histórias?

O contador de histórias da humanidade, diferente do contador contemporâneo, tinha a função de um mestre. Ele não era um profissional contratado, tratava-se de uma troca de experiências. E a música sempre esteve presente nessas narrativas, sem precisar que houvesse um músico profissional. Dos meados da década de 70 para cá é que o nome “contador de histórias” passou a ser utilizado. O contador tradicional cantava porque a música e a palavra caminhavam juntas. Narrar e cantar, como fazer arte, eram manifestações naturais das pessoas, não havia o mundo do espetáculo.

O contador contemporâneo que canta é a figura que está se instrumentalizando a partir de uma carência que apareceu por conta de observações do tipo “puxa, os pais não sabem mais contar histórias” e “crianças não tem mais atenção”. Depois que o mundo se tornou tão imagético, digitalizado e informado, surgiu a necessidade de resgatar a figura daquele velho contador que sempre nos ensinou muitas coisas. Quando o contador canta, o encantamento aumenta.

Crianças também podem ser contadoras?

Profissionalmente, não. Acho que a criança vive a história e a reconta. Ela recebe a história de um adulto, de um livro, de um filme ou de um artista e a transforma dentro de sua pequena memória, de acordo com o que já viveu. Penso que ela reproduz a história devolvendo parte da emoção que a história lhe proporcionou. Não se deve cobrar de uma criança que ela conte uma história. Não é uma coisa própria da criança, pois ela a vivencia. Depois de ouvir a história, ela se lembra da princesa, do dragão ou de um anel. A criança usa outros suportes. Quando ela ouve a história, ao invés de querer contá-la, ela tem vontade de cantarolar a canção da história, fazer um desenho, pintar a história. Ela devolve a emoção fazendo uso de outras expressões artísticas.

A contação de história estimula a leitura?

Com certeza. Uma das funções ou uma das relevâncias do professor-contador ou do artista-contador, além da formação da pessoa, da emoção e do poder imaginativo que se provoca no outro, é a corrida para o livro. Quando a história chega sem a palavra escrita, a criança sente vontade de ver a mensagem escrita porque o registro escrito é a sedimentação. A história escrita é diferente da história que a criança ouviu e registrou. Às vezes a criança retém somente um trecho da narrativa.

Uma das razões que fazem com que a criança corra para o livro é que ela quer vivenciar novamente aquele encantamento. A narrativa oral provoca a criança para a corrida rumo à literatura.

Características de uma boa história.

Uma boa história não precisa de explicações psicológicas. Uma boa história não explica demais. Por exemplo, ela já começa “fulaninho era mal” e ponto.

A segunda característica é o elemento surpresa. Tem que ter algo surpreendente e que deveras quem vai ouvir ou ler não está esperando. Isso vale para adulto ou criança. É claro que você pode ter um livro escrito lindamente onde não acontece quase nada, isso na literatura, onde o bonito ali é o desenho, a carpintaria do escritor, a beleza de como ele desenvolve o parágrafo.

Outra coisa que eu gosto numa narrativa oral é a ausência de excesso de descrição. A história deve ser concisa, pois a criança gosta de uma narrativa mais enxuta.

Quanto ao tempo de duração da narrativa oral, vai depender dos recursos disponíveis. O momento da contação de história é curto na vida da criança, mas ele pode render por anos.

Como você se prepara para contar uma história?

Primeiramente, preciso repassar várias vezes a história. Repassar na minha cabeça e em voz alta. Aliás, esse recurso de ler em voz alta foi usado por muitos séculos, mesmo após a palavra escrita e a possibilidade de ler algo sozinho. Então, quando leio em voz alta, não estou decorando, estou compreendendo o sentido da história.

Quando eu preparo uma história, eu não a decoro. Não é esse o papel. Essa palavra não existe. O contador pode fazer algumas reduções e acréscimos, mas só depois de ler e reler muitas vezes o texto.

Como primeiro passo, conheço o material, leio, releio e vou trabalhando os sentidos com as coisas mais bonitas que a história quer me dizer. A partir daí vou fazendo as minhas escolhas. E quando eu vejo, o texto virou o meu texto oral, a minha maneira de reproduzir. A gente jamais consegue fazer igual ao outro, é um reconto.

De que forma escolhe as histórias que irá contar?

Eu vejo uma história e penso “esta história está me pedindo uma música” ou a fabricação de uma cestinha, por exemplo. Outras já não me pedem nada. Eu respeito o que a história me pede. Algumas histórias me pedem apenas a minha voz e o meu violão. Fico atenta à própria história. Aí eu vou descobrindo. Depois que levanto o material das histórias que quero contar, coloco a minha equipe em ação. Foto 439 canecão show

Como contar?

Quanto mais natural o contador de histórias for, quanto menos afetado ele se mostrar – digo no sentido de fazer uso de muitas técnicas e expressões –, quanto menos ele racionalizar ou pensar em atuação ou nele mesmo, melhor ficará o resultado.

O contador de histórias precisa de cursos, boa dicção e de recursos básicos. Precisa ter uma voz com bom alcance. Mais do que tudo, é preciso alma, voz, mãos e expressão. O contador deve deixar a história habitar e ter repercussão nele.

Você acha que as crianças se envolvem mais com a história quando ela é cantada?

Na medida certa, quando o canto entra o encantamento é maior, pois a música tem poderes. A música pode ser um reforço, pode acentuar ou suavizar. Quando a música entra na história, na dose certa, ela dá um brilho, uma força muito grande ao ato de contar.

Quais recursos utiliza para atrair a atenção das crianças de hoje?

Acho que o “era uma vez” tem um “borogodó”. Essa expressão abre uma gruta, é o “abra-te sésamo”. Utilizo recursos musicais porque sou música e considero a música como uma das belezas da vida, as flores do nosso jardim. A música já é um elemento muito atraente e sensibilizador. Uma canção de roda, uma música feita para a própria história. As crianças são atraídas pelo singelo, pelo resumo. Todos os aparatos atuais perturbam um pouco. A própria narrativa tem seus encantamentos e a música ajuda. Mas também gosto de usar recursos como a escuridão e o jogo de luz. Em alguns momentos, gosto de usar poucos recursos, como um chapéu ou um pano, objetos simples que tomam formas extremamente sofisticadas por causa do poder imaginativo.

Qual a diferença entre contar, ler e representar histórias?

Ao contar histórias, você jamais vai reproduzir completamente o que lhe foi contado. O contar implica o reconto. Nunca é igual, você conta diferente, respira diferente, acrescenta alguma coisa.

A leitura já é uma viagem mais solitária. É uma reprodução mais fiel da história. Uma leitura bem trabalhada tem a força de uma contação, só não terá a mesma intensidade porque você não estará olhando nos olhos da criança. Neste caso, é preciso criar atrativos, pois na ausência do seu olhar, a criança dispersa muito se você não olhar para o rosto dela.

O contador de histórias representa um pouco, mas ele não deve representar o tempo todo. Ele não deve se sentir um ator. Por isso que nem todo ator é um bom contador de histórias. Muita inflexão, muita ênfase e excesso de detalhes podem fazer com o que o contador se torne a estrela, e não a narrativa. Representar um texto não é igual a contar. Para representar é necessário apresentar os personagens que a história pedir. Na dramaturgia você divide papéis. Contar está mais próximo de uma pessoa sozinha.

Quem quer se tornar um bom contador de histórias precisa

O bom contador de histórias, não oriundo da tradição oral, precisa ler muito. Ele tem de recorrer às fontes e pesquisar. Caso contrário, vai virar uma banalização e a atmosfera sagrada que circunda o verdadeiro narrador desaparecerá. E você nota muito bem quando alguém está se dando superficialmente um rótulo de contador de histórias, e que ele está na moda ou que não pesquisou.

É preciso ler bastante sobre essa arte. Já tem muita literatura sobre arte narrativa, oralidade, história oral e culturas orais do mundo. É preciso recorrer a nossa tradição oral que se encontra em muitas fontes bibliográficas. Acho que uma grande dica é ler Luís da Câmara Cascudo.